



»
MÁRIO DUARTE

O MUSEU DE ANGRA E AS 50 PEDRAS PELA LIBERDADE

O Museu de Angra (MA) escolheu a exposição 50 PEDRAS PELA LIBERDADE como uma das formas de assinalar as comemorações dos 50 anos do 25 de Abril. Com toda a oportunidade, com toda a originalidade e simbolismo. Com cuidado extremo na sua organização, coordenação, realização e grafismo. Tudo de qualidade excelente, fazendo jus ao slogan antigo "small is beautiful". Pelo menos, pode ser...

Esta exposição apareceu pela 1ª vez, em Lisboa, em Janeiro último, mas teve o seu maior significado alusivo, pela data precisa, em Angra, onde estará patente até 12 de Maio próximo. Seguirá para a cidade da Horta e para outras paragens, até terminar em Florença, na Itália. Pelos vistos, quer as pedras da calçada artística portuguesa, quer a revolução de Abril, têm lá eco. Senti esta necessidade de escrever o que penso será um pequeno texto, para registar na imprensa esta iniciativa meritória do Museu de Angra, deixando-vos algumas informações recolhidas.

A ideia desta exposição temática é da responsabilidade imaginativa de Ernesto Matos, na minha opinião quem mais sabe, em Portugal, sobre a calçada portuguesa. Pelo menos é assim que o apresento quando se me depara ocasião. É composta por 50 trabalhos de expressão artística do próprio e de mais 39 participantes.

Para que volte a expressar-me sobre o dinamizador que recolheu 50 trabalhos em pedra de calçada, há que deixar dito que Jorge Augusto Paulus Bruno coordenou a exposição patente no MA, e Maria Manuel Velasquez Ribeiro foi a sua curadora, que é um termo muito feliz para quem cuida. Acho que não é fácil expor este conjunto de objectos, mesmo com o estatuto de artísticos, mas, no Museu de Angra, ganhou uma simplicidade com pedagogia e beleza próprias. O design gráfico teve a marca de Diogo Pinto Ferreira e Emília Moniz fez as versões em inglês de textos vários.



Na cerimónia de abertura, apresentações feitas por Director e Autor, sentámo-nos para escutar uma palestra de Ernesto Matos. Atribuem a Winston Churchill o dito: "É muito difícil uma pessoa levantar-se e falar, mas ainda mais alguém sentar-se e escutar". Pelo tempo da história, sabe-se que Winston Churchill não chegou a ouvir Ernesto Matos... A "viagem" que nos propôs e foi contando, auxiliado por fotografias, desenhos, e outras imagens em projecção, poderia ter durado muito mais tempo que ninguém arredaria pé,

Conheço Ernesto Matos, o seu percurso como fotógrafo, designer e escritor. Como autor de muitos livros, de foi saliente "A Calçada Portuguesa no Mundo", editado em 2016, mundo que muito palmeou para conseguir milhares de registos fotográficos, impressões gráficas e muitas histórias ainda por contar. Mas nunca assistira a uma comunicação pública do seu acumulado saber. Sentado ali a escutá-lo percebi que aquele conhecimento e facilidade de verbalização sobre algo muito português, uma arte já com foro e estatuto de expansão para muitos países – a calçada artística portuguesa (ou a portuguesa, como ele preferiu dizer) – pode espalhar-se e divulgar-se por tanto lugar de Portugal continental e insular, a começar por

escolas, mas não ficando aí. Não são necessárias mais justificações para explicar o porquê.

No puxar a brasa ao nosso chicharro, já que sardinhas são de outras paragens, sugiro que organismos de educação e de cultura, outros autónomos camarários, entidades diversas, organizações cívicas desta região Açores, se informem sobre esta personagem que desembarcou aqui na Terceira na véspera do 25 de Abril e encantou e educou quem o quis ouvir e, depois, na tarde do sábado seguinte, horas antes de regressar a Lisboa, transmitiu saber, com muita motivação e pedagogia, pelo que me contaram, a um grupo de alunos e professores que visitaram a exposição, em ambiente dinâmico.

Como complemento deixo-vos uma breve nota biográfica de Ernesto Matos.

«Nasceu em Lisboa em 1964. Licenciado em Design Gráfico e doutorado pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, onde defendeu a tese "A Calçada Artística Portuguesa no Estado Novo: Políticas culturais e urbanas entre 1926 e 1974".

Ao longo dos anos tem vindo a fazer uma abordagem ao tema cultural da calçada artística, onde tem trabalhado na investigação sobre as origens e desenvolvimento destes empedrados, bem como num levantamento a nível mundial dos pavimentos executados com pedra e técnicas portuguesas, resultando já na publicação de vários livros, coleções de postais, selos, textos e ainda feito palestras e exposições em alguns locais do mundo.» (in, Folha de Sala, Museu de Angra – com versão para inglês).

Deixo, também, parte do texto escrito por Er (a assinatura de Ernesto Matos) e que consta no verso da "Folha de Sala" que o Museu de Angra disponibiliza durante a exposição:

«Hoje, a pedra continua a fazer sentido nos nossos caminhos, seja como calçada ou calçada artística, que os portugueses tão bem lhe souberam

dar destino, depois dos meados do séc. XIX. Foi a partir dessa fórmula ancestral de estender tapetes nos passeios pedonais, que continuamos a decorar os espaços com a alma de uma imaginação criadora. Serve-nos esta ainda para suporte físico do espelho das nossas emoções enquanto criadores de sonhos, como forma de alcançar novos mundos, num diálogo intergeracional.

Aqui neste projeto, sobre a memória dos 50 anos de Liberdade política após a Revolução de Abril de 1974, quisemos também trazer a pedra da calçada como elemento de perpetuar uma data. Esta, aqui, uma vez mais a servir de suporte, em que cada um dos participantes se expressou na sua forma livre, como que um erguer de braços numa manifestação, um grito solto ou ainda poder criar asas que nos permitam libertar da gravidade.

Diálogos marcados em pedra que se espera perdurarem ainda mais no tempo, nesse mesmo que no passado já fez erguer montanhas, unir civilizações, libertar povos e nações, num espaço que é o berço destas pedras e de nós.

Que os próximos tempos continuem a contar com a pedra, também como elemento de progressão e de Liberdade.»

Fiquei convencido! Quando Ernesto Matos fala, a gente levanta bem as orelhas – claro, para o escutar melhor.

Restam alguns dias para se visitar estas 50 Pedras pela Liberdade. Até 12 de Maio de 2024, como já referido. As pedras são pequenas, mas têm alma grande. Alma grande teve, também, o Museu de Angra, como é seu timbre, elevando, numa mostra bem cuidada, pedras da calçada familiares das que pisamos, e iluminando-as, em vitrinas, ao nível dos olhos das crianças, que se fascina; e, dos dos adultos, em olhar do alto, picado ou lateral, próprio da visão dos drones, mas daqueles que não matam.

Escrevo segundo a antiga ortografia